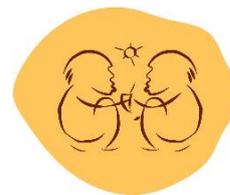
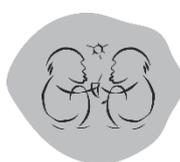


Ilton A. Silva



A Celebração do Trabalho nas Artes Plásticas¹

Gilberto Luiz Alves²



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

www.icgilbertoluizalves.com.br/

¹ Publicado em **Ilton Silva**. Campo Grande, MS: Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, s. d., p. 16-25.

² Doutor em Educação pela UNICAMP. Professor aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional da Universidade Anhanguera-Uniderp.

“Se me fosse dado voltar a escolher entre várias profissões, certamente ia querer a de artista. Sou artista por opção pessoal. Sei que meu espaço na pintura é limitado. Mas mesmo assim trabalho constantemente dia e noite, porque sou apaixonado por pintura, como por tudo que faço.”

(Ilton Silva, Apud ROSA, 1986, p. 15)



Ton Barbosa, a.c.i.d.

Retrato de Ilton

80 x 60 cm.

Acrílica sobre Tela

2014

Fotografia de Isaac de Oliveira

Segundo depoimentos de residentes, no final da década de 1960 um ambulante oferecia suas pinturas aos transeuntes nas ruas de Campo Grande. Eram paisagens que ainda não captavam suficientemente a singularidade regional. Mas eram produções que já revelavam o potencial daquele que, no futuro, Ricardo Brandão consideraria “o mais sul-mato-grossense de nossos artistas plásticos”. Tratava-se de Ilton Antunes da Silva.

Nascido em Ponta Porã no ano de 1944, sua mãe, Conceição dos Bugres, foi uma notável escultora primitivista que se projetou nacionalmente. A figura predominantemente isomorfa de seus *bugres* nascidos da madeira tornou-se ícone cultural de Mato Grosso do Sul. Seu pai, Abílio, também artesão, foi funcionário público federal. Homem da fronteira, Ilton conheceu a campanha e as figuras humanas que circulavam pela região. Ervateiros, peões e todas as modalidades de trabalhadores envolveram-se em suas vivências. Ele mesmo foi trabalhador de muitos ofícios. Sedento de liberdade e boêmio,

como tantos homens fronteirços, gostava de estar com mulheres, de festas e de beber nos *bolichos*. Envolveu-se em muitos *bochinchos* e conviveu com bandidos. Quando foi impelido por uma necessidade irrefreável de pintar, esses personagens e essas vivências ganharam destaque em suas telas. Bem humorado, sempre ironizou sua vida pregressa e chegou a retratar-se bêbado numa tela que capta o espaço e o clima cultural em que se formara.

Entre suas histórias, conta que, ainda muito jovem e encaminhado por amigos que reconheciam o seu talento, foi para Araraquara, São Paulo, para ter aulas de pintura com um professor espanhol. Logo nos primeiros dias, o mestre perguntou-lhe se pretendia ser artista ou ensinar arte. “Quero ser artista”, disse ele categoricamente. O professor também não tergiversou e aconselhou-o a voltar para sua terra e pintar.

As principais fases de Ilton observam singularidades visíveis, mas, com o tempo, ocorreu uma integração progressiva, nítida nos seus trabalhos mais recentes.

As pinturas realizadas dentro da *Série Cores e Mitos* são a sua principal marca. As telas dessa fase encantam pelas figuras, sobretudo de mulheres, pintadas com cores chapadas e contornos filetados. São versões femininas, em pintura, dos *bugres* de Conceição. Serenas, seus olhos semicerrados denotam submissão. Seres míticos que povoam o imaginário fronteirço ou figuras fantásticas também ganham primeiro plano. As telas, saturadas de informações, realizam um duplo movimento com os elementos de composição, resultando na antropomorfização das coisas da natureza e na coisificação do homem.



Ilton Silva, a.c.i.d.

Série Cores e Mitos

29 x 39 cm.

Óleo sobre Tela com Moldura de
Madeira Pirogravada (10 cm.)

1978

À tela é acrescentado um criativo recurso, representado por uma moldura de madeira para onde se projetam os filetados da pintura. Assim, as molduras se integram

à obra. De início, Ilton entalhava essas projeções, usava corante para escurecer os baixos relevos, lixava, passava selador e encerava a madeira. Mais tarde, com o auxílio de pirógrafo, simplificou o processo ao eliminar o entalhe e a pintura dos baixos relevos.

O artista nunca conseguiu superar, plenamente, essa fase. A *Série Cores e Mitos* o tem acompanhado nas suas andanças pelo Brasil e pelo mundo. Andejo, depois de ter deixado Mato Grosso do Sul na década de 1990, peregrinou pelo Rio de Janeiro, pelo Paraná e pelo litoral de Santa Catarina. Suas andanças propiciaram matérias de inspiração e elementos de composição para novos trabalhos da série. Em obras mais recentes, símbolos litorâneos se somam aos preservados elementos originários instaurando novas sínteses.

Mas, já na década de 1980, apesar do sucesso de mercado da *Série Cores e Mitos*, as obras de Ilton estavam passando por uma sensível mudança. Uma mais desenvolvida consciência política e suas convicções socialistas o levaram a celebrar o trabalho. Afloraram telas centradas na vida dos trabalhadores, principalmente os do campo, algo que pode ser associado não somente à sua origem pessoal ligada à campanha fronteiriça, mas, também, ao caráter dominante da economia regional, à época, fundada na pecuária. Começou a explorar outros recursos que não as pinturas chapadas, os filetados e as pirogravuras da *Série Cores e Mitos*. Acentuaram-se preocupações formais com luz, sombra e, mesmo, com textura.

Em paralelo, nas mostras oficiais de Mato Grosso do Sul, Ilton Silva tornava-se presença sistemática e acumulava sucessivos prêmios. No II Salão de Artes Plásticas, realizado em Campo Grande de 09 a 16 de dezembro de 1983, obteve o 1º. Prêmio de Pintura com a tela *Lida do peão*. No IV Salão de Artes Plásticas, levado a cabo entre 22 de novembro e 20 de dezembro de 1985, recebeu o Prêmio Aquisição de Pintura com a tela *Trabalhadores I*. Posteriormente, em 1986, foi agraciado com a Referência Especial do Júri, no V Salão de Artes Plásticas.

Muito prolífero, o artista sistematicamente surpreendia os apreciadores de sua arte pelas novas soluções que pesquisava. Irrequieto, não se acomodava aos resultados de uma fase que parecia ter chegado à maturidade. Dedicava-se, com afinco, à exploração de novos recursos, de forma a instaurar alguma novidade em seu trabalho. Pintava obsessivamente, então. Ao chegar a um novo resultado equilibrado, não o explorava de forma a esgotá-lo, inclusive do ponto de vista do mercado, e forçava a emergência de outra fase. Reiterava-se a sua obsessão e as telas faziam explodir as novidades. Essa busca permanente fez, também, com que realizasse muitos trabalhos que

não se enquadram em suas fases mais conhecidas. Esses *fora de séries* existem em escassa quantidade. Alguns são exemplares raros.

Os trabalhos de Ilton Silva que celebram os *Trabalhadores do Campo* podem ser subdivididos em pelo menos quatro momentos merecedores de registro. O primeiro, sem dúvida, foi aquele que explodiu na primeira metade da década de 1980 e lhe assegurou, inclusive, premiações nas edições de 1983 e 1985 dos salões da Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul.



Ilton Silva, a.c.i.d.

Peão Bêbado

60 x 50 cm.

Óleo sobre Tela com Moldura de
Madeira Pirogravada (4 cm.)

1983

O segundo momento correspondeu à *Série Piraputangas*. O artista, em 1985, permaneceu algum tempo nesse distrito paradisíaco de Aquidauana, à beira do rio homônimo, onde pintou freneticamente. Produziu dezenas e dezenas de telas que são puro desenho. Seus ideais socialistas estavam exacerbados, então, o que conferiu ao seu trabalho um tom panfletário, cujo clima foi favorecido pela exploração de cores quentes. As tomadas de propriedades rurais por trabalhadores, algo que, posteriormente, afloraria como marca registrada do MST, dominam muitas de suas telas. Os instrumentos de trabalho - a enxada, o machado e a foice - são brandidos como se armas de combate fossem.



Ilton Silva, a.c.i.d.

Série Piraputangas

49,5 x 58,5 cm.

Óleo sobre tela

1985

O terceiro momento se materializou numa exposição realizada na Manhattan Gallery, do marchand Wilson Moraes, mais conhecido como Searom. Corria o ano de 1989. As ralas cores esmaecidas resultaram de um procedimento em que Ilton, com panos, trapos e pincel aguado, espalhava e limpava as tintas aplicadas nas telas.



Ilton Silva, a.c.i.d.

Escola Municipal

40 x 60 cm.

Óleo sobre tela

1989

O quarto momento, talvez o mais brilhante, se sucedeu às pesquisas de Ilton com o recurso da espátula. Até mesmo telas abstratas haviam sido produzidas, quando começou a explorar esse instrumento.

O resultado maduro se expressou em mostra realizada na Caixa Econômica Federal, Agência da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no ano de 1995. O desenho é refinado. As formas, às vezes levemente insinuadas, saltam de borrões de tintas. Desde a concepção, sem utilizar sequer o recurso do esboço, até o detalhamento

final, os contornos das figuras e seus movimentos, produzidos pela espátula e pelo estilete, jamais exigiam correções ou complementações.



Ilton Silva, a.c.i.d.

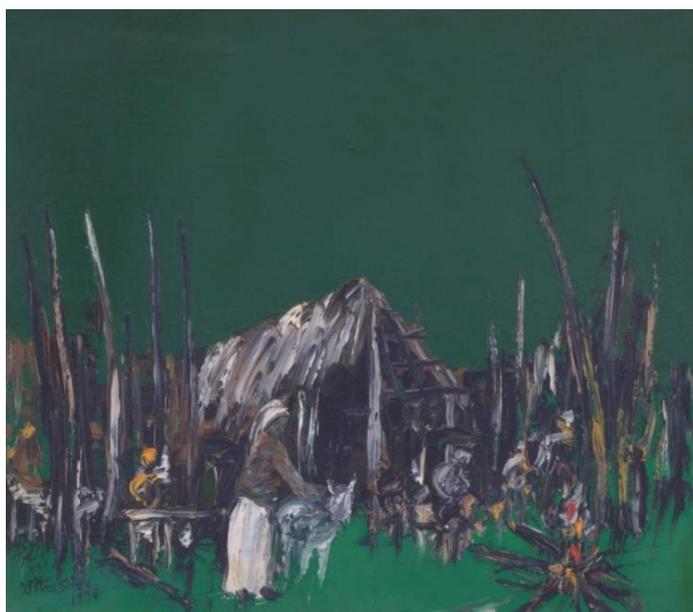
Lida de Peão

60 x 100 cm.

Óleo sobre tela

1995

Ao longo dessa fase dominada pela celebração do trabalho, Ilton usou o termo *série* para distinguir temáticas abordadas, dando a impressão de que as denominações adotadas se referem a fases distintas. Não é o caso. *Série Ranchos*, *Série Favelas*, *Série Interior*, *Série Acampamento*, *Série Contraste*, *Série Manifestação*, *Série Impressão*, por exemplo, são, todas elas, formas de abordagem das condições de existência dos trabalhadores. O mesmo se dá com fases mais recentes, como *Série Litoral*, *Série Itapema do Norte*, *Série Navegantes*, *Série Festa na Praia*, designações que definem os locais de produção por onde o artista tem circulado, mas não o conteúdo da obra.



Ilton Silva, a.c.i.e.

Ranchos

39 x 35 cm.

Óleo sobre tela

1998

O forte impacto exercido pela *Série Cores e Mitos* tem exigido que o artista, muitas vezes a contragosto, a revise com constância e produza novas telas. Daí o reconhecimento de que essa fase nunca foi definitivamente superada no conjunto de sua obra. Em 1993, uma exposição individual em Nova York, agendada pela Lawrence Gallery, impôs a condição de que toda a produção se enquadrasse na *Série Cores e Mitos*. Todas as pinturas expostas foram comercializadas.

Por força de sua militância política, que o levou, inclusive, a inscrever-se no Partido Comunista Brasileiro, depois PPS, Ilton foi constantemente solicitado a apoiar movimentos sociais e campanhas eleitorais de candidatos de esquerda. Nessa empreitada, passou a ter ao seu lado Darwin Longo de Oliveira, artista plástico e professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. As telas resultantes, quase que indefectivelmente, focalizavam manifestações e eventos cotidianos que cercavam esses movimentos. Uma delas, a título de exemplo, captou um acampamento do MST na periferia de uma grande cidade. Foi pintada em Brasília, quando, a convite desse movimento social, o artista participou de uma manifestação na Capital Federal.



Ilton Silva, a.c.i.d.

Série Contraste

60 x 80 cm.

Óleo sobre tela

1997

Na década de 1980 e início da seguinte, com sua companheira de então, Kátia Ângelo, também artista plástica, e Darwin Longo de Oliveira, Ilton integrou o *Grupo Urucum*, que pintava a seis mãos temas ligados ao interior e ao trabalho no campo.

Em novas séries, como a denominada *Seres Extraordinários*, ficam evidenciados, ainda, elos de ligação com a *Série Cores e Mitos*, em especial pela exploração dos elementos de composição. Em pintura de 2005, intitulada *Autorretrato*, por exemplo, o artista segura uma tela a partir da qual muitas figuras se projetam para fora e retomam,

sob outra forma, as linhas pirogravadas na moldura de madeira. Telas dessa fase também reproduzem seres míticos e formas imaginárias, igualmente saturados em número, construídos com o recurso da espátula e resultantes de movimentos espontâneos e soltos. O estilete complementa as obras ao conferir traços e contornos às figuras, substituindo os filetados da *Série Cores e Mitos*.



Ilton Silva, a.c.i.d.

Autorretrato

65 x 90 cm.

Óleo sobre tela

2005

No presente, palmilhando as praias do litoral do Paraná e de Santa Catarina, Ilton tem preservado a preocupação política de revelar o cotidiano do ambiente social vivido pelos trabalhadores. Os bares da orla marítima, os locais onde as pessoas se encontram e convivem, as atividades econômicas desenvolvidas e as alternativas de exercício do lazer ensejam um manancial de inspirações para a composição de novas telas.

Mas a terra de origem, agora distante, cobra o preço de direito pela sua formação e o tange para a retomada de velhos temas. Por isso, ranchos e acampamentos, espaços e figuras humanas, típicos da fronteira sul, reaparecem com uma indisfarçável teimosia nos entremeios das novas telas.

Traço perceptível nas pinturas mais recentes de Ilton Silva é a integração. Alguém pouco ligado à sua obra pode ter a impressão de que há grande distanciamento entre as telas de suas diferentes fases. Mas, não. Os elementos de composição da *Série Cores e Mitos*, da *Série Seres Extraordinários* e das séries que focam os trabalhadores entraram numa espécie de processo de fusão que permite ao admirador constatar as ligações e a unidade de todo o conjunto de sua obra, desde as origens.

Ao deslocar-se para o sul do Brasil, infelizmente, sua ausência gerou um vácuo em Mato Grosso do Sul. O artista desempenhava um papel insubstituível, pois agitava a inércia dominante no ambiente cultural local. Ao incentivar outros pintores, ele ajudava a potencializar a produção artística na região. Ao seu redor começaram a produzir figuras agora expressivas das artes plásticas sul-mato-grossenses, como Cecílio Vera, Sidney Nofal, Ramão Lopes e Katia Ângelo. Por isso, também, sua importância para a cultura em Mato Grosso do Sul jamais será olvidada.

Os preços acessíveis pelos quais sempre comercializou as suas obras tornaram-no o artista plástico mais difundido no Estado. Tornaram-no, também, o pintor mais amado e admirado pelas pessoas simples. Mas não só as pessoas do povo o amam e reconhecem o seu valor. O próprio título de cidadão campo-grandense, que lhe foi concedido pela Câmara Municipal da capital sul-mato-grossense, é a demonstração mais efetiva desse fato. Ao saudá-lo, na oportunidade, disse o vereador Pedro Teruel:

Nenhum homem é estrangeiro, principalmente aquele que traz no seu ofício a arte de transformar cores, tintas e traços em uma explosão de vida do homem e da mulher do campo, dos barracos, do pântano. Aquele que retrata as dores, alegrias e sonhos do seu povo, sentindo e vivendo as angústias, mas tomando porres de esperanças em busca de um mundo melhor. É o homem artista dos 'bugres', da roça, da favela, dos migrantes, da mata, dos bichos. É o homem que fez de seus pincéis a principal arma contra as injustiças, desigualdades e miséria. É Ilton Silva, artista plástico sul-mato-grossense. Veio da fronteira, Ponta Porã, rompendo todas as fronteiras geográficas com presença firme nos movimentos culturais, políticos e sociais. Dos murais políticos às telas suaves, alegres e sensuais, ele pinta a nossa história há mais de 30 anos. Filho de Conceição dos Bugres e Abílio Antunes, ambos escultores, aprendeu cedo a ser operário de novas obras. Foi engraxate, garimpeiro, estivador, marceneiro. Fez da teimosia o caminho para garantir a sua maior paixão: a arte. A arte de viver, pintar, esculpir. Autodidata, militante, solidário, paciente. Ilton Silva, cidadão do mundo e porque não campograndense?

Para a compreensão da singularidade imanente à obra pictórica de Ilton Silva, é importante considerar resultados de investigações produzidas no campo da história regional. Vem sendo reconhecida a influência marcante e generalizada, no fronteiro Estado de Mato Grosso do Sul, de uma população que, desbordando os limites geográficos com o Paraguai, introduziu-se na região após a Guerra da Tríplice Aliança (CORRÊA, 1999a; CORRÊA, 1999b e CENTENO, 2008). A exploração do mate e a pecuária criaram oportunidades para a intensificação dessa migração e para a fixação de parte expressiva dos recém-chegados no espaço sul-mato-grossense.

Esses forasteiros, na sua forma de ser, de fazer e de sentir, já expressavam os traços da experiência de aculturação realizada nas reduções jesuíticas. Em Mato Grosso

do Sul, difundiram costumes, crenças, práticas de trabalho, culinária, música e dança, contribuindo para plasmar o comportamento dos residentes. Tal influência foi tão ampla e profunda que fez Melo e Silva, um estudioso da região, recear pelas suas consequências. Segundo ele, a “população guaranizada” dominante era amante das festas e da música, andeja e não fixada à terra, beberrona, promíscua e pouco disciplinada ao trabalho. Ela não resistia, por exemplo, à *roda de tereré*, ritual em que todas as pessoas fisicamente próximas, não importa o ambiente, partilham uma cuia para tomar mate gelado. Para realizar esse ritual, o próprio trabalho era interrompido por iniciativa unilateral dos trabalhadores, daí a *roda de tereré* ter sido qualificada pelo capital como um hábito deplorável. Por força de uma condição subjetiva, a empresa que explorava o mate via-se sem meios de interferir, pois, como decorrência do caráter manufatureiro da produção nos ervais, o ritmo do trabalho se encontrava sujeito à habilidade do trabalhador. Elencando todos esses “perigos”, além do fato de a população se expressar por meio do guarani, Melo e Silva via essa região fronteiriça minada por problemas que ameaçavam a própria integridade do território brasileiro. Frouxamente subordinada ao governo da União, seria necessário colocar em prática um rígido programa de medidas visando nacionalizá-la (SILVA, 1939).

Passadas décadas, superadas as preocupações com a nacionalização da fronteira e com a eugenia, insinuadas na obra de Melo e Silva, a constatação é a de que presença cultural guarani deixou marcas culturais profundas em Mato Grosso do Sul. Muitos dos hábitos e costumes de sua população foram herdados dessa fonte e são expressivos da singularidade regional. Inclusive os jovens de suas principais cidades realizam saudáveis *rodas de tereré* nas calçadas de suas residências, em bares, nos clubes sociais e nas praças. As lanchonetes oferecem ao consumo a *chipa* e a *sopa paraguaia*, pois muito procuradas. E nas festas, bailes, bares e restaurantes, a clientela saúda barulhentemente as polcas, as guarânias e os chamamés, cultivados entre as suas preferências musicais.

Também nas artes plásticas revela-se o peso da presença cultural guarani. A obra de Ilton Silva é a demonstração inequívoca desse fato. Os seus mais importantes personagens são, exatamente, os trabalhadores “*guaranizados*” da fronteira. As rudes feições de ervateiros e peões produzidos pela miscigenação, seus bigodes finos e alongados, cabelos negros descuidados, olhos vivos, uma indumentária que inclui o chapéu de grande aba, o poncho, as roupas de cores vivas e, às vezes, o próprio revólver e o *machete*, a companhia do cavalo, os vistosos apetrechos de montaria, o exercício das lidas típicas do campo, as práticas cotidianas, como o churrasco ou a *roda de tereré*, os

bailes, as festas e as bebedeiras, os barracos, as ranchadas, bem como a paisagem onde se sobressai a campina suavemente ondulada, são expressivos elementos de composição que expõem as condições de existência dos trabalhadores fronteiriços, desvelam as atividades econômicas locais e desnudam as relações sociais vigentes.

A inquieta produção artística de Ilton Silva capta e encarna, assim, valores expressivos da singularidade cultural em Mato Grosso do Sul. O conjunto de suas pinturas constitui-se magnífica expressão da forma de ser, de sentir e de fazer dos homens fronteiriços e revela características culturais que, para além do próprio espaço sul-mato-grossense, são compartilhadas por outras regiões da América platina, em especial o Paraguai. Dessa forma, reconhecer Ilton Silva como um relevante artista sul-mato-grossense equivale a reconhecê-lo como expressivo artista platino.

Por outro lado, enquanto cidadão politizado, Ilton Silva é um dos poucos artistas da região dotado de consciência sobre o caráter universal de sua obra. Se ela revela, como já foi exposto, os traços culturais expressivos da singularidade cultural em Mato Grosso do Sul, também adere intencionalmente à perspectiva política do trabalhador. Dessa forma se insere na questão universal, posta a todos os trabalhadores do mundo, de transformação da sociedade capitalista visando à instauração de novas relações sociais de produção.

Em face do antagonismo existente entre capital e trabalho, na sociedade capitalista, o artista denunciou à exaustão a exploração de que é vítima o polo dominado. É necessário esclarecer que sua vinculação ao PCB ocorreu quando sua obra já evidenciava tal compromisso político. Suas pinturas não se transformaram como decorrência de um processo de politização instaurado nas fileiras partidárias.

Em certos momentos, como já foi apontado também, suas telas chegaram a celebrar o trabalho de uma forma panfletária. Em especial na *Série Piraputangas* essa característica ganhou primeiro plano. A solidariedade em relação aos expropriados trabalhadores do campo se manifesta numa angustiante conclamação à ocupação de terras. Essa temática talvez explique sua ulterior aproximação do MST, movimento social que sempre alimentou sua simpatia, daí os convites para participar de algumas de suas manifestações políticas de repercussão no Brasil.

Em suas obras mais recentes, produzidas no sul do Brasil, os trabalhadores continuam sendo os personagens centrais. Mudam somente as formas concretas de realização do trabalho. Os peões e trabalhadores do campo sul-mato-grossense dão lugar aos pescadores e trabalhadores litorâneos. A violência que marca a relação universal

entre trabalho e capital, contudo, permanece e é objeto de suas denúncias. A obra de Ilton Silva continua a apontar para a necessidade de que todos trabalhadores do universo, independente das formas pelas quais realizam o trabalho, se unam para produzir relações sociais que permitam a coexistência de todos os homens num patamar superior ao permitido pela sociedade capitalista.

Referências sobre o Artista

BRANCHER, Maria Helena. Formas e cores livres do artista Ilton Silva. **Executivo Shop**, Campo Grande, MS, Ano 1, n. 1, 09 a 15.jun.1990, p. 07. (Entrevista)

ESPÍNDOLA, Humberto. **Um panorama das artes plásticas em Mato Grosso do Sul através do acervo do Marco**. Campo Grande, MS, (2004). n.p.

FIGUEIREDO, Aline. **Artes Plásticas no Centro-Oeste**. Cuiabá, MT: Edições UFMT; Museu de Arte e de Cultura Popular, 1979, p. 290-2, 236.

LOUZADA, Alice; LOUZADA, Julio. **Artes plásticas: Brasil**. São Paulo: Julio Louzada Publicações, s.d., v. 11, p. 151.

PELLEGRINI, Fabio; REINO, Daniel (Orgs.) **Vozes das artes plásticas**. Campo Grande, MS: Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul, 2013, p. 196-201.

ROSA, Maria da Glória Sá. **Ilton A. Silva: a arte como reconstrução**. **MS Cultura**, Campo Grande, MS; Ano 2, n. 6, jul./ago./set. 1986, p. 11-5.

ROSA, Maria da Glória Sá; DUNCAN, Idara; PENTEADO, Yara. **Artes Plásticas em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande, MS: s.ed., 2005, p. 58-9.

SCHMIDT, Carlos von. **Projeto itinerante Intercidades**. Campo Grande, MS: Art Galeria Mara Dolzan, 1999-2000. (Catálogo)

Referências

ALVES, Gilberto Luiz. **Arte, artesanato e desenvolvimento regional**: temas sul-mato-grossense. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2014.

ALVES, Gilberto Luiz. **Mato Grosso do Sul**: o universal e o singular. Campo Grande, MS: Editora UNIDERP, 2003.

CENTENO, Carla Villamaina. **Educação e trabalho na fronteira de Mato Grosso**: estudo histórico sobre o trabalhador ervateiro (1870-1930). Campo Grande, MS: editora UFMS, 2008. (Série Fontes Novas)

CORRÊA, Lúcia Salsa. **História e fronteira**: o sul de Mato Grosso - 1870-1920. Campo Grande, MS: UCDB, 1999a.

CORRÊA, Valmir Batista. **Fronteira oeste**. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 1999b.

SILVA, José de Melo e. **Fronteiras guaranis**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1939.



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL